

Fernando Pessoa

Cena da Taberna

Cena da Taberna

— Doutor Fausto?

FAUSTO:

Sim.

—

O Doutor Fausto?

FAUSTO:

O Doutor Fausto, sim: o que há em sê-lo?

— Nada, confesso-o a rir e acreditara-o

Pois o não vira, mas de vós diziam

Serdes versado em artes e matérias

Do mágico e (...) horror (...)

A rir o digo que vos vejo aqui

Entre nós e bebendo como nós.

FAUSTO:

Sim, assim é; quem como eu vivia

Aparte logra sempre a negra fama

De bruxo... Há em mim cousa que mostre

Conhecimento d'artes vis e negras

Ou sacerdócio escuro de Satan?

— Nada; olhando bem em vós só vejo

Algo de triste que não é tristeza

No vosso rosto e no vosso olhar

Há uma causa a menos ou a mais

Que em outro... Isto vejo, ou me parece.

Perguntastes-me e rindo respondi.

FAUSTO:

Agradeço-vos; traçastes-me retrato

Tão completo de bruxo

Que começo a ter medo de mim mesmo.

— Canta, oh Frederico

Aquela canção doida de beber
Chamada «O Bebedor» ou coisa assim.

FRED:

A do «Bom Bebedor».

OUTRO:

É essa mesmo.

TODOS:

Venha, venha a canção.

FRED:

Lá vai amigos

(e depois)

E oxalá que, ao cantá-la, esquecer possa

Ou antes, não lembrar onde a aprendi.

Criança então era feliz. Lá vai:

Bom bebedor, bebe-me bem

Bebe-me, bom bebedor.

Só uma cousa boa esta vida tem

É o vinho: mira-lh' a cor!

CORO

A vida é um dia e a morte um horror

Bebe-me, bebe-me, bom bebedor.

Que morra de fome mulher e mãe

Haja vinho, que é o melhor!

CORO

A vida é um dia e a morte um horror

Bebe-me, bebe-me bom bebedor.

Deixe a guela o vinho lá quando vem

Em lugar dele o estertor.

CORO

A vida é um dia e a morte um horror
Bebe-me, bebe-me bom bebedor.
A vida sem vinho é um triste horror
Bebe-me, bebe-me bom bebedor.

O, leite, da parra é melhor que o amor
Bebe-me, bebe-me bom bebedor

CORO

Bom bebedor bebe-lhe bem
Bebe-lhe bom bebedor

Que faz que a mulher ande à gandaia
E a filha seja pior
E a puta da neta levante a saia
Até ao quintal do prior?
O vinho é o mesmo e da mesma cor
Bebe-lhe, bebe-lhe, bom bebedor

CORO

Bom bebedor, bebe-lhe bem
Bebe-lhe bom bebedor.
Bom bebedor, bebe-lhe rijo
Bom bebedor, bebe-lhe bem;

O vinho que dá? Alegria e mijo,
E a vida não vale melhor
E se a vida é isto e a cova um horror
Bebe-lhe, bebe-lhe, bom bebedor.

TODOS:

Bravo! Bravo!

FAUSTO:(saudando)

A quem escreveu essa canção.
Não foi o camarada?

FRED:

Versos, eu?

Nada aprendi-a, e há o tempo. É pouca coisa,
Uma maneira qualquer de berrar.

FAUSTO:

Eu sinto-me irrequieto.

FRED:

Isso é do vinho!

FAUSTO:

Do vinho?

FRED:

Olá se é. A uns dá-lhe assim

A outros doutra maneira. Isso é confuso.

Um velho tio meu que não fazia

Senão beber. . .

OUTRO:

Fazia bem. . .

FRED:

Pois esse

Dizia ser indício de saúde

Dar o vinho p'ra bulhas e contendas

«Estar irrequieto» como este lhe chama.

s. d.

Fausto — Tragédia Subjectiva. Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 139.